

Carvão e as Fake News

ZANCAN, Fernando Luiz. "Carvão e as Fake News". Agência CanalEnergia. Rio de Janeiro, 12 de julho de 2018.

O fim do carvão tem sido propagado por vários veículos de mídia no mundo e retransmitido no Brasil. Quando da baixa dos preços das commodities globais, incluindo o carvão, o cenário foi usado por ativistas contra o carvão, analistas de energia e os promotores dos concorrentes do carvão para afirmar que o mineral estaria morto. Divulgavam que o carvão não era politicamente correto, pois era o grande causador do efeito estufa e com isso visavam promover as energias renováveis. Falavam que os ativos fósseis, incluindo o gás natural e o petróleo, ficariam em baixo da terra.

No caso do carvão, esqueceram de olhar para a revolução industrial que está novamente em curso na Ásia. O excesso de oferta do suprimento do carvão foi equacionado e os preços da fonte voltaram a subir com as empresas mineradoras retornando a ter lucro. A Ásia continuou a manter o investimento na cadeia produtiva que usa carvão (cimento, aço e energia elétrica). Como exemplo, na Austrália, o carvão termelétrico está se tornando o maior item de exportação, mais que o minério de ferro, alcançando 61 bilhões de dólares em 2017. Não é somente os países em desenvolvimento da Ásia que apoiam o carvão. Em 3 de julho, o Japão lançou seu plano básico de energia, que define o planejamento de médio e longo prazo. O novo plano mantém a tradição japonesa de diversificar sua matriz, incluindo todas as fontes, tendo como objetivo obter uma matriz elétrica, em 2030, com 20-22% em nuclear, renováveis com 22-24%, e carvão com 26%.

No caso do Japão, o plano aponta que o país continuará apoiando o carvão, mas ao mesmo tempo buscando reduzir as emissões. Pelo menos oito novas plantas à carvão foram construídas nos últimos dois anos e cerca de 36 estão previstas no horizonte do plano. As usinas usam as tecnologias conhecidas como alta eficiência e baixas emissões (HELE) que chegam a reduzir 40% das emissões de CO₂. Estão apoiando iniciativas de viabilizar a captura e armazenamento de carbono (CCS) e produzir hidrogênio a partir do carvão para uso em carros.

Na vida real vemos que no mundo, em 2017, 40% do suprimento novo de energia elétrica veio de usinas a carvão. O crescimento da produção do carvão desde 2006 até hoje foi de 3,1% ao ano e visualiza-se o crescimento de 0,7% ao ano até 2035. O sudeste asiático (Filipinas, Indonésia, Tailândia, Vietnã, Paquistão, Malásia, etc.) com uma população de 640 milhões, ainda existem 65 milhões sem eletricidade e 250 milhões não tem energia limpa para cozinhar. Como o carvão é o combustível mais barato, como exemplo na Indonésia, que tem enormes reservas de carvão, o custo da geração é cerca 50 U\$/MWh – metade do gás natural-, prevê-se a construção de cerca 15 GW até 2025. No sudeste asiático estima-se que cerca de 82GW serão construídos até 2035 o que gerará uma demanda de 180 milhões de toneladas de carvão por ano. A China e Índia, com seu significativo crescimento, por décadas teve o carvão como suporte e continuam aumentando a demanda. Na Índia, por exemplo, até 2035 deverá crescer 500 TWh a geração elétrica a partir do carvão.

Como a experiência europeia mostra, as expansões das energias renováveis ainda

não levaram a uma redução uniforme no uso do carvão. No caso da Alemanha o carvão ainda participa com 40% na matriz e geração de energia elétrica. Portanto, pelo que demonstramos, mesmo que nos USA e na Europa exista a previsão de reduzir o carvão nos próximos anos, o carvão no mundo continuará a ser resiliente e a crescer nos mercados emergentes da Ásia e, nas próximas décadas, na África.

Os resultados dessa confusão cognitiva expõem os dois lados do debate sobre o carvão: a realidade e a narrativa política. Nesse jogo de disputa de mercado, a desinformação faz parte. Precisamos ter as informações corretas para julgar o que está ocorrendo. O mundo de baixo carbono precisa da busca de tecnologias de redução de emissões para todas as fontes. O estigma e a guerra de informação contras fontes não ajuda o meio ambiente e muito menos o bolso do consumidor. A discussão pragmática para um mundo melhor passa por deixar a ideologia de lado e pela qualificação do debate.

Fernando Luiz Zancan é presidente da ABCM (Associação Brasileira do Carvão Mineral)